

ENTREVISTA

INOVAÇÃO CURRICULAR NO ENSINO SUPERIOR: ENTREVISTA COM MARCOS TARCISO MASETTO

Marcos Tarciso Masetto ¹

Brécia Nonato ²

Zulmira Medeiros ³

Licenciado em Filosofia e doutor em Psicologia da Educação, o professor Marcos Tarciso Masetto dedica-se, desde 1966, ao trabalho de formação de professores para o ensino superior. Com dezenas de cursos ministrados e materiais escritos sobre o tema, possui estudos que apresentam grande relevância na problematização da experiência na docência no ensino superior. Masetto é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) desde 1963 e atua nas seguintes linhas de pesquisa: formação de educadores; formação pedagógica de docentes do ensino superior; paradigmas curriculares inovadores para cursos de graduação.

A temática da melhoria na qualidade da formação pedagógica dos docentes de ensino superior sempre foi para ele um problema de pesquisa, mas, há aproximadamente doze anos, Masetto tem se dedicado a um novo tema: a inovação no ensino superior. Masetto coordena na PUC-SP o grupo de pesquisa Formação de Professores e Paradigmas Curriculares (FORPEC)⁴, que tem como objetivo central “investigar a relação entre formação de professores e currículos

¹ Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

² Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

³ Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

⁴ <http://www.pucsp.br/forpec/apresentacao/index.html>

inovadores no ensino superior”. Nesta entrevista, o professor apresenta alguns conceitos e elementos que vêm se consolidando a partir das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no âmbito desse grupo de pesquisa: concepção de inovação no ensino superior, concepção de currículo inovador, discussão sobre modelos de currículos inovadores e as modalidades de formação de professores para se integrarem e se comprometerem com a implantação de tais currículos.

RDES: *Como você caracteriza a inovação curricular no ensino superior?*

Marcos T. Masetto: O que nós estamos chamando de inovação curricular é o conjunto de mudanças que afetam o currículo na sua totalidade, de uma forma simultânea e sinérgica. O currículo é formado por um conjunto de componentes: contexto, intencionalidade, organização curricular, protagonistas, gestão.

Inovação curricular no ensino superior sempre é provocada por um problema ou uma necessidade, uma carência, diagnosticada na formação dos profissionais, para a qual o currículo existente já não apresenta respostas adequadas. Defrontamo-nos com uma perspectiva nova que se nos apresenta e nos aponta um caminho novo para superarmos a necessidade e a carência diagnosticadas.

RDES: *Professor, você menciona cinco eixos nos quais é necessário que haja mudança. Poderia falar um pouco sobre eles?*

Marcos T. Masetto: Ao responder a primeira pergunta, destaquei cinco eixos de um currículo inovador: contexto, intencionalidade, organização curricular, protagonistas, gestão.

Contexto: nenhum projeto inovador surge do zero. Em geral, as Instituições do Ensino Superior (IES) possuem uma história de atividades educacionais, formando profissionais das mais diversas carreiras e sempre procurando apresentar um serviço de alto nível à sociedade. No entanto, chega um momento em que, por transformações profundas da sociedade que as envolve nas áreas da produção e da socialização do conhecimento, dos avanços da ciência e da tecnologia, do surgimento de novas profissões e da revisão das profissões tradicionais, os currículos dessas instituições já não respondem mais a tais necessidades. Para continuarem a desenvolver com competência o papel de formadoras de profissionais atualizados, competentes e cidadãos, é urgente e necessário que as IES procurem mudar e inovar. Desse contexto, poderá surgir um projeto inovador.

As questões “para que e para onde mudar, o que de novo pretendemos construir e para quê” são indicadores da intencionalidade de um currículo inovador. A casualidade, o espontaneísmo, o não planejamento de uma mudança impedem a construção de um projeto inovador.

A organização curricular se apresenta com objetivos de formação profissional, conteúdos interdisciplinares, disciplinas integradas, metodologias ativas, processo de avaliação que acompanha o desenvolvimento do aluno, o professor como mediador de aprendizagem e o aluno como sujeito e protagonista da própria formação. Inovação exige mudanças em todos esses aspectos curriculares, de forma simultânea e sinérgica. Não são suficientes mudanças esporádicas ou casuais em alguns aspectos.

Protagonistas: professor, alunos, gestores e funcionários revendo os papéis culturais e pedagógicos que possuem. O professor como mediador pedagógico, planejador de situações de aprendizagem e profissional de relações pedagógicas. O aluno como sujeito do próprio processo de formação profissional, construída em parceria com os colegas e com o professor, participante, ativo, corresponsável pela própria formação. O aluno que chega ao ensino superior em geral ainda pensa que tem o papel de assistir às aulas, ouvir, fazer provas, tirar uma nota e ser aprovado. A mudança dessa passividade do aluno para o protagonismo só vai acontecer quando ele perceber que os professores estão empenhados em que eles trabalhem para se formar. Essa formação não é um presente que lhe será dado no final do curso. É o resultado de muito trabalho e do esforço dele com os colegas e o professor. A formação é uma conquista dele por meio de um trabalho concreto e contínuo, na participação de uma aula diferente, na pesquisa realizada, na aprendizagem em espaços fora da universidade. Ou se engajam ou não se formam.

Gestores participantes, com professores, alunos e funcionários na discussão do novo projeto, do novo currículo, buscando conjuntamente com eles as sugestões para encaminhar as propostas, trabalhando em equipe. Os funcionários revendo os papéis que desempenham e as contribuições que oferecem para a implementação do novo currículo nas áreas administrativas. Gestão inovando-se para atitudes e ações de uma gestão democrática.

RDES: *Como precisamente se daria esse protagonismo no processo de mudança?*

Marcos T. Masetto: Continuando a resposta acima, sem dúvida, é fundamental e imprescindível que o professor e os alunos assumam e ajam como protagonistas de um currículo inovador, só

que os funcionários, os gestores e as instituições parceiras são igualmente importantes para um processo de mudança curricular.

O gestor precisa comprar o projeto, precisa ter um sentimento de pertença ao projeto e ao grupo. Precisa discutir com os professores o projeto curricular, analisar as questões normativas que envolvem esse projeto (normas, horários, tempos, espaços). Apenas permitir que os docentes trabalhem para construir um currículo enquanto não tragam problemas não é postura esperada de um gestor num projeto inovador.

Os funcionários terão as atribuições repensadas, mas, principalmente, a visão educacional das atividades administrativas deles precisa ser resgatada, colaborando com a formação dos profissionais. Nas reformas curriculares, poucas vezes ou quase nunca se pensa na participação dos funcionários técnico-administrativos na construção de mudanças curriculares.

As instituições parceiras como protagonistas. Quem são? Por exemplo, todos os espaços, lugares e instituições onde se realizam estágios para a formação profissional. Não deveremos considerar essas instituições como parceiras da universidade na formação dos profissionais?

RDES: *E como você percebe o uso das tecnologias digitais no fazer docente?*

Marcos T. Masetto: Na sociedade do conhecimento em que vivemos, a revolução causada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) atingiu um dos corações da universidade: como se trabalhar hoje com construção, produção, socialização do conhecimento e como utilizarmos o acesso imediato, em tempo real, às informações em todos os ramos da ciência e em todas as áreas do conhecimento. Esse acesso é aberto a todas às pessoas, a todos os alunos e professores. O conhecimento e o saber não são mais propriedade e privilégio dos docentes em uma IES. O fazer docente exige integrar-se a ele o uso das tecnologias digitais para que o aluno aprenda a construir o conhecimento por meio da pesquisa, da interaprendizagem, da produção de hipertextos, da participação em fóruns e *chats*, discutindo as informações pesquisadas, o desenvolvimento de aprendizagem profissional em situações profissionais de difícil ou impossível acesso, de produção de relatórios dinâmicos com vídeos, fotos, pequenos filmes, etc. Uma atitude como essa por parte de alunos e professores precisa ser aprendida. Professores e alunos, na vida pessoal e até na profissional, aprenderam rapidamente o uso dessa tecnologia. Outro lado da questão é: aprender a usar essa tecnologia como recursos disponíveis que inovem e facilitem um processo de aprendizagem na formação de profissionais.

RDES: *Que cuidados você sugere que se tenha na utilização desse conceito de inovação?*

Marcos T. Masetto: Em primeiro lugar, estarmos atentos para não qualificarmos como inovação mudanças casuais, tópicas, pontuais, isoladas numa IES, como, por exemplo, criação de laboratórios de informática desvinculados dos currículos, adoção de equipamentos eletrônicos para uso de professores e alunos, por exemplo, computadores pessoais, *tablets*, iPad, iPhone substituindo outros recursos sem integrá-los a um novo processo de aprendizagem e de formação do professor para usá-los; imposição ao corpo docente do uso de plataformas como Moodle, Teleduc, Blackboard e outros tantos sem formação dos professores para as usarem em função da aprendizagem dos alunos, e não apenas como repositório de programas e de materiais de consulta para disciplinas, ou mesmo para avaliações e correções *online*. Outro cuidado que sugiro é precaver-se das chamadas “metodologias ativas solucionadoras de problemas”. Proliferam inúmeras metodologias que se apresentam como aquelas que vão resolver os problemas de aprendizagem, interesse, motivação, atenção e participação dos alunos nos cursos. Por questão ética, não vou citá-las. Mas o diagnóstico pode ser facilmente realizado: métodos, técnicas e recursos são instrumentos que podem incentivar e facilitar a aprendizagem dos alunos desde que selecionados de acordo com objetivos educacionais de formação, realizados por professores formados para usá-los adequadamente. “Metodologias ativas” em si mesmas e por si mesmas não fazem a diferença. Fazem a diferença quando usadas em função de objetivos adequados, de modo eficiente e eficaz e trabalhadas por professores preparados para tal.

RDES: *Pensando no que você disse, o que é necessário para que um projeto de inovação curricular no ensino superior tenha êxito?*

Marcos T. Masetto: Em meu entender, o êxito de um projeto de currículo inovador depende da formação de um grupo de professores, gestores, alunos e funcionários que sintam a necessidade urgente de mudar os cursos de graduação que não mais respondem à formação contemporânea de profissionais, que se comprometam como grupo a encontrar juntos uma resposta de inovação para os cursos. Estamos construindo um novo processo educativo, e processos se fazem no tempo, com persistência, trabalho em equipe e dedicação. Por último, é imprescindível que, integrado ao projeto curricular, o grupo construa um processo de avaliação contínua do desenrolar do próprio projeto, que o permita corrigir possíveis desvios de rota, superar dificuldades e criar adaptações que se façam necessárias.

RDES: *Você tem discutido os conceitos de interdisciplinaridade e de interprofissionalidade no contexto do ensino superior. Poderia falar um pouco sobre a relação desses conceitos com a inovação no ensino superior?*

Marcos T. Masetto: Já não é mais suficiente para a universidade e para a formação de profissionais conhecimentos disciplinares, congelados, estabelecidos em disciplinas fechadas, estanques. O conhecimento que se exige hoje do profissional é um conhecimento interdisciplinar, que integre áreas de conhecimentos, ciências, novas pesquisas, diferentes perspectivas para entender melhor as realidades e os fenômenos com os quais nos encontramos dia a dia. Todo fenômeno humano é por si interdisciplinar e não se resolve, não se encaminha apenas com respostas de uma disciplina ou de disciplinas justapostas. Adquirir informações e construir conhecimento de forma interdisciplinar é uma exigência.

A produção de um conhecimento interdisciplinar foi grandemente incentivada pela revolução das tecnologias de informação e comunicação, que permitiu a aproximação das áreas de conhecimento, o diálogo entre as ciências exatas, ciências da natureza, ciências humanas e demais campos do saber.

Se a preocupação com o conhecimento abriu a universidade para a pesquisa e o trabalho interdisciplinares, a atuação em equipe em campos de estágio e em atividades profissionais por equipes com formação profissional específica trouxe a perspectiva de se pensar em currículos inovadores nos quais profissionais de áreas afins possam construir colaborativamente e em equipes a própria formação teórica, aprendendo a pensar integradamente e a atuar integradamente, em equipe, produzindo uma intervenção interprofissional resultante de uma equipe interprofissional que aprendeu a agir em equipe. Essa é uma perspectiva de mudança curricular que vem se desenvolvendo, principalmente, na área da saúde.

RDES: *Você poderia citar alguns exemplos de currículos inovadores no ensino superior?*

Marcos T. Masetto: A UNESCO, em 1998, pela primeira vez produziu um documento para todas as universidades do mundo, apresentando uma nova visão e uma nova missão para o ensino superior para o século XXI. Trata-se de um documento que abre a universidade para os problemas do nosso mundo em termos da formação de profissionais, de formação para o trabalho, de pesquisa e integração desta com os contextos e problemas reais contemporâneos.

Surgiram projetos pedagógicos diferenciados em cursos de graduação, e as investigações sobre tais projetos se iniciaram.

Na década de 1970-80, o curso de Medicina da Universidade de McMaster, no Canadá, e da Universidade de Maastricht, na Holanda, foram pioneiros na construção desses novos currículos. Maastricht ficou mais conhecida por ter implementado um currículo em PBL (*Problem Based Learning*) que se espalhou por todo o mundo, inclusive no Brasil, nos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina, na Faculdade de Medicina de Marília, na Escola de Saúde Pública do Ceará. A Universidade de Waterloo, no Canadá, inspirou a criação de cursos cooperativos pela Escola Politécnica da USP, em São Paulo. A Universidade Federal do Paraná – Unidade Litoral criou currículos por projetos para todos os cursos de graduação. A Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, também inovou com um currículo diferenciado para a formação de bacharéis em Direito, baseado fundamentalmente em atividades metodológicas próprias para o ensino de Direito, com interferência na organização das disciplinas e dos conteúdos e no processo de avaliação. A Universidade Anhembi-Morumbi projetou a Escola da Saúde com formação interprofissional e ênfase nas simulações. A UNIFESP implantou currículos interprofissionais nas áreas de saúde. São alguns exemplos de currículos inovadores.

***RDES:** Em seus estudos, você enfatiza que “não mais é suficiente ter um diploma e dar aulas, é preciso ser professor e desenvolver a aprendizagem”. Como você já expôs em seus textos, a pós-graduação stricto sensu prepara para a pesquisa, e não para docência. Poderia falar um pouco sobre como pensar a preparação do docente nesse contexto de necessária mudança nos modos de ser professor?*

Marcos T. Masetto: Nenhum projeto inovador se construiu e se manteve sem o trabalho direto com a formação dos professores para juntos construir um projeto novo e juntos levarem à frente esse projeto.

Todos os projetos inovadores de alguma forma se preocuparam com a formação dos professores, tanto os atuais, que estão criando aquele projeto, quanto os outros docentes, que vieram já com o projeto em andamento, para compreenderem o projeto e nele se integrarem. Esse é um ponto fundamental no currículo inovador: o compartilhamento entre os professores, o sentimento de pertença ao projeto como algo comum entre todos, no trabalho em equipe. E isso só conseguimos com um programa de formação continuada dos docentes

e funcionários que os mantenha integrados ao novo projeto e com entusiasmo e dedicação para avaliá-lo, corrigi-lo, adaptá-lo e lhe garantirem um caráter de evolução contínua. Esses programas de formação continuada são diferentes, adaptados aos projetos e aos contextos. Hoje já dispomos de pesquisas que procuraram aprofundar sobre como nos diversos projetos se realizou essa formação e os resultados dela.

Quanto ao modo de ser professor, espera-se abertura para o novo, compreensão da nova proposta, revisão do papel de docente para um perfil de mediador pedagógico, que se sinta como alguém que vai se colocar entre o aluno e a aprendizagem deste, criando condições para que esse aluno possa aprender, se formar e se desenvolver. Haverá momentos em que o professor irá fazer explicações, mas haverá outros momentos em que o aluno vai buscar a informação, trazê-la para a sala de aula, discuti-la com a mediação do professor. Em outros momentos, o aluno resolve problemas, participa de uma visita técnica, de um estágio, observa, entrevista, fotografa, traz o material para sala de aula e, com o professor, reflete sobre essa realidade à luz das teorias. Trata-se de outra dinâmica do professor em sala de aula, e isso precisa ser trabalhado com eles num programa de formação continuada e em serviço, concomitantemente com o desenvolvimento do projeto de um currículo inovador.

Bréscia Nonato

Doutoranda e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012), com graduação em Pedagogia pela mesma instituição (2009). É professora dos anos iniciais do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e também do setor de didática da Faculdade de Educação da UFMG. Integra a Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ-UFMG).

nonatobrescia@gmail.com

Zulmira Medeiros

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG), mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG e graduada em Pedagogia, também pela FaE-UFMG. Desde 2011 é pedagoga na Pró-Reitoria de Graduação da UFMG, atuando na Diretoria de Inovações e Metodologias de Ensino (GIZ).

zulmiram@ufmg.br